

Espaço público

Temos a capacidade, temos futuro, mas o caminho é só um e estreito

Percebemos a Europa, sermos portugueses europeus

La dimensão dos problemas com que Portugal se debate nos dias de hoje não é obviamente resultado de uma causa só. É certo que parte das dificuldades que vivemos encontra raízes nas "crises internacionais" e nas fragilidades intrínsecas associadas à nossa natureza periférica na Europa, mas, não nos deixemos iludir, a pior receita para o nosso futuro será, ou seria, tão simplesmente continuarmos a iludir a realidade, procurando lá fora as razões das nossas dificuldades, quando elas, no essencial, moram cá dentro há muitos anos.

Não podemos continuar a "dourar ou adoçar a pílula" com palavras suaves. Temos que a lucidez e coragem de perceber que estamos finalmente a pagar o preço de uma incapacidade governativa prolongada em alterar aspetos vitais de estrutura e de cultura da nossa sociedade que limitam a nossa capacidade interna de desenvolvimento e a nossa competitividade no mundo global e aberto de hoje.

A componente estrutural vital num Estado de Direito é o seu sistema judicial. Vivemos há longos anos com um sistema largamente inoperante, assente num quadro jurídico constituído por um grande número de leis incoerentes, permissivas ou indelivráveis.

A chave para o nosso progresso sustentável é a educação. Continua por resolver o dilema da "massificação da educação pós-secundária com qualidade". Ainda hoje não temos a rede de formações necessária para a nossa evolução competitiva, no que avulta a insuficiência da rede de oferta de formações vocacionais e profissionais.

Citei apenas duas áreas vitais de intervenção, não as únicas. Com um pouco de tudo, assim se explica a nossa continuada incapacidade de convergência para as trajetórias de crescimento do grupo de referência europeu, tal como praticamente todos os indicadores do Eurostat o evidenciam. Assim se explica este estado de carência de corpo e de alma em que nos encontramos hoje. Finalmente, 25 anos após a adesão, estamos ainda longe da integração europeia plena.

2. Tenho uma convicção profunda de que Portugal é viável como parceiro igual na União. Sinto esta convicção no que conheço de nós próprios e do mundo.



Sebastião Feyo de Azevedo

Nós não temos *deficit* de capacidade individual. Temos conhecimento, atitude e capacidade de trabalho. Muitos dos nossos jovens competem como iguais com o que de melhor há além-fronteiras. Bastantes, novos e menos novos, alcançam reconhecimento mundial nas suas áreas de intervenção. O facto é que falhamos no coletivo. É bem claro que o sucesso individual só por si em nada garante o progresso sustentado de um povo. É a cultura de organização da sociedade, das suas instituições e empresas, particularmente a cultura de qualidade e de adaptação aos tempos, que faz a diferença.

"Temos a capacidade, temos futuro, mas o caminho é só um e estreito.

Para nós, portugueses, releva acima de tudo percebermos a Europa, sermos portugueses europeus! Não temos que renunciar às nossas raízes, à essência da nossa matriz cultural histórica. Temos sim que evoluir de forma resolu-

Não temos que renunciar às nossas raízes, à essência da nossa matriz cultural histórica. Temos sim que evoluir de forma resoluta, em organização e racionalismo funcional, em rigor de métodos, em pontualidade, em disciplina, em produtividade

em organização

e racionalismo

funcional, em

qualidade de gestão,

em rigor de métodos,

em pontualidade,

em disciplina

e produtividade

ta, em organização e racionalismo funcional, em qualidade de gestão, em rigor de métodos, em pontualidade, em disciplina e produtividade de trabalho, em responsabilidade social e em respeito e espírito cívicos. Temos que adotar em todos os setores sociais e de atividade os paradigmas de desenvolvimento e qualidade que se observaram nos países mais avançados desta Europa em que vivemos, cooperamos e competimos, com tudo o que possa implicar de rotura com alguma da cultura de organização e trabalho prevalente entre nós.

Se não formos capazes disso, não saímos disso.

3. No seu livro extraordinário *Portugal Hoje, O modo de existir*, publicado em 2004, o filósofo José Gil resume numa frase notável (na página 71), a essência dos nossos problemas: "... Mas, se a Europa entrou em nós, nós ainda não entramos na Europa...". Este é o cerne da questão.

A realidade é que nós somos, em hábitos, costumes e práticas, um barco algarves no oceano Atlântico entre a Europa e a América Latina. Temos um grupo de gente que tenta remar para atracar na Europa, mas existem outros a

gerar correntes que nos afastam de terra, como que à procura de um qualquer outro Brasil... que obviamente já não existe.

Fala-se hoje da necessidade de explorarmos o "triângulo virtuoso", com os seus vértices em Portugal, Brasil e Angola/Mocambique. Esse triângulo, que é fundamental para o nosso futuro e para cuja construção temos muito a contribuir, dados os laços culturais e de sangue seculares que nos unem a esses povos, de nada nos servirá se o nosso papel se limitar a ser o da porta de oportunidades europeias para os outros, como até agora tem sido. Importa que a nossa contribuição neste triângulo seja a de um país europeu, em valores humanos, culturais, económicos e técnicos, em parcerias que aproveitem as complementaridades de valores cultivados por estes povos. Ora, para tal temos que nos apresentar com os nossos argumentos civilizacionais europeus.

4. Nesta crise, o pedido de intervenção externa a que fomos conduzidos, que obviamente não desejamos e que nos magoa muito, material e espiritualmente, tem que ser visto como uma oportunidade, pelas obrigações reformistas importantes que encerra, para nos colocar a remar todos juntos em direção a porto seguro. É esta uma oportunidade imperdível para reavaliarmos e aprofundarmos a nossa existência quase milenar como povo independente.

Nas sociedades democráticas, de economia de mercado, o desenvolvimento depende de um bem fundamental chamado "confiança", a que conseguimos transmitir a outros por força da nossa qualidade sustentada e a que depositamos nas nossas capacidades. Ora, nós temos que confiar que com a qualidade e força do nosso trabalho seremos capazes de transmitir confiança, atrair cooperação e convergir para os padrões de qualidade europeus que há tantos anos perseguimos.

Agora, que nos fique bem gravada uma lição: nós podemos iludir a nossa sociedade, até nos podemos iludir a nós próprios, mas jamais conseguimos iludir o tempo e a Europa. *Professor catedrático, diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Por decisão do autor, este texto é escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince*